



Assine a Enclave, nossa newsletter,
acessando <jornalrelevo.tumblr.com>

Editorial

Antes de tudo, um editor literário julga. Julgar um texto é ativar um acervo literário para enfrentar uma certa ligação de palavras, compreender uma modalidade de intenções. Ao deparar-se com um conto, por exemplo, cabe ao editor o conhecimento mínimo da tradição literária e do depositário histórico da crítica de setor — em tempo tão demolidor como o atual, a insistência em afirmar que a crítica literária morreu pode satisfazer principalmente autores pouco acostumados com retornos críticos mais duros ou os mais ingênuos. Também não podemos esquecer o habitual conchavo elogioso entre os pares, que dificulta a autocrítica —. É preciso conhecer o texto e decifrar suas chaves.

Ao julgar e editar um texto, não cabe ao editor apenas dizer se o texto é bom ou ruim, aspectos superficiais da atividade. Ao retirar uma vírgula, uma escolha estética é feita. Ao apontar um clichê, aponta-se a consciência do clichê – não esqueçamos que o clichê é o sucesso de uma certa ligação de palavras. Ao sugerir uma nova maneira de contar, sugere-se uma nova matriz perante o abismo. Caberá ao escritor, após o apontamento, a definição sobre permanências e necessidades. Ainda é preciso considerar desdobramentos do mercado e o espírito do tempo do que está escrito. (Palavras antes inofensivas, como coitado, judiaria e denegrir, assumem novos contornos.)

A seleção dos textos mensais

publicados no **RelevO** representa um espaço concentrado onde se “impõe” com mais força o que pensamos sobre literatura. Escolhemos, por norma, determinados textos em detrimento de outros. Raramente interferimos diretamente no texto que sai no papel, pois fazemos, sem-vergonhosamente, o exercício de gostar de nós, publicando o que nos diverte. Entretanto, também publicamos textos para um grupo de leitores amplo, multifacetado. Assim, nem sempre, como leitores, gostamos de todos os textos publicados, pois é preciso reconhecer que alguns textos simplesmente “funcionam” e atingem expectativas. Em raros casos, abrimos uma frente de discussão com o escritor/a e buscamos um equilíbrio entre a mão autoral e a editorialista.

Evitamos também participar da grande festividade adúladora do nosso meio cultural, em que o molde toma-lá-da-cá define as relações (“eu te ajudo, você me ajuda”, que, aqui, significa propor algo para sair em nossas páginas, prática mais comum do que as panes de sistemas defensivos com três zagueiros). Assim, pouco se verá de integrantes do **RelevO** em eventos literários como lançamento de livros e workshops — mas se verá um pouco, já que também temos amigos e afetos e amores.

No limite, entendemos que um jornal de papel concentra uma série de escolhas delicadas. Colocar a mão no texto do escritor é um exercício de facas. Também se fosse simples, não teríamos edições, editoriais (jornal sem editorial é a vitória da guilhotina,

atoleimado), editoriais sobre edição e, por fim, leitores decupando a natureza mensal de nossa vida.

Uma boa leitura a todos.

Quem mais

Todas as ilustrações dessa edição são de autoria de Sarah Bauer.

Apoiadores

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Assis Furtado (Araraquara)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Demétrios Galvão (Teresina)
Joseani Netto (Santos Dumont)
Lisa Alves (Brasília)
Dinovaldo Gilioli (Florianópolis)
Severo Brudzinski (Curitiba)
Silvio Demétrio (Londrina)
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

Errata

A canção *Taj Mahal*, de Jorge Ben Jor, avisa o ouvinte de que irá contar a história do príncipe Shah-Jahan e da princesa Mumtaz Mahal, mas, de acordo com o nosso estagiário, especialmente contratado para apontar problemas de pontuação, coesão e coerência, inclusive em piadas de português e conversas inbox com amigos, a canção emenda atividades sonoras que fogem do propósito inicial. O nosso estagiário batizou o fenômeno de “Tchê-Tchêrismo”, em homenagem ao avô, que é português e admirador de um atleta do Palmeiras.

Quem

Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Gutemberg Medeiros
Revisão Mateus Senna
Projeto Gráfico Marceli Mengarda
Logística Thaís Alessandra Tavares
Redes Sociais Felipe Gollnick
Advogado responsável: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 3.500

Edição finalizada em 01/06/17

Quanto

Assinantes R\$ 100 Claudia Sater; Luiz Witiuk; Alexandre Guarnieri; Homero Gomes; R\$ 70 Silvana Guimarães; R\$ 50 Jadson André; Charles Marlon; Paula Padilha; Vicenzo Arendt; Alexandre Cunha; Darlene Dallarmi; Luci Collin; Carlos Pessoa Rosa; Marco Oliveira; Sérgio Czajkowski Jr.; Lucas Kotovicz; Thiago Lisarte; Rodrigo Domit; Marcelo Fedegger; Tiago Oliveira; Antonio Cescatto; Maximilian Rox; Rômulo César; João Henrique Balbinot Furtado; Camilla Inojosa; Cleverson Bravo; Diego Antonelli (total: R\$ 1570)
Anunciantes R\$ 300 Allejo; R\$ 100 Penalux; R\$ 50 Avon; Ehlkefarma; Loterias Avenida; Insight Coworking; Fisk; Rita Maria Kalinovski (total: R\$ 700)

Gráfica R\$ 1.150
Distribuição R\$ 250
Assinantes R\$ 535
Papelaria R\$ 70

Custos totais R\$ 2.005
Receita total R\$ 2.270

Balanço de mai. 2017 R\$ 265

junho de dois mil e dezessete

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

Assine

contato@jornalrelevo.com
contato@jornalrelevo.com
JEQUITI
contato@jornalrelevo.com

Publique

Para publicar no jornal mais cardinal do Brasil, basta nos escrever por aqui: contato@jornalrelevo.com. O editor recebe o texto em (e de) qualquer gênero, acende um charuto cubano emprestado, lê em voz alta enquanto ouve uma opereta de temas trágicos e retorna ao escritor e escritora em todas as situações, conforme o Estatuto **RelevO** de boa convivência com o meio literário.

Cartas do Leitor

APROXIMADAMENTE

Emilly Marcelino Olá, gostaria de que me informassem como faço para publicarem algo no jornal e qual o custo, aproximadamente. Tenho uma edição de 2015 guardada até agora e com o passar dos anos escrevi umas crônicas e poemas. Então, me informem. Desde já, obrigada.

Da redação: Emilly, nós não vendemos espaço editorial.

VAI-VAI-VAI

Luiz Witiuk Acabo de receber a edição de maio do **RelevO**. É uma delícia ler seu conteúdo. E quero o lápide de cemitério longe desta viva literatura. Grande abraço a todos!

Ana Rita Leite Eu e minha filhota amamos (o recheio doce) do jornal. Muitos parabéns!

Tiago D. Oliveira RelevO! É com muita alegria e gratidão que recebo em minha casa este trabalho maravilhoso! Parabéns e força sempre para continuarem a missão de colorir esta beleza por aí.

Cíntia Lucas Recebi ontem a edição de abril do **RelevO**! Demorou, mas chegou! Trata-se de uma produção independente, sem fins lucrativos, feita por uma galera de Curitiba que gosta muito de literatura. É uma aposta no velho e bom impresso. Tem textão, tem boas ilustrações (até os anúncios!), ou seja, um prato cheio para quem gosta realmente de cultura. Assinei e incentivo aos amigos de Teresina que apreciam a boa crônica e a poesia que também assinem!

Demetrios Galvão Recebi hoje, de uma vez só, dois pacotes com vários exemplares do **RelevO**. E aviso a rapaziada que vou levar vários para distribuir no Roda de Poesia que acontece na próxima sexta-feira.

Charles Marlon Aí nós chega, de olho no Temer e agora outro no gato, Ricardo Escudeiro, no **RelevO** de maio.

Ronald José Magalhães Parabéns e longa vida ao **RelevO**.

Mila Bastos Vida longa ao **RelevO**!

Luana Bernardes Hermsdorff Vocês são incríveis! Quero meu exemplar!

Katia Brembatti Vida longa ao **RelevO**.

Diego Antonelli Parabéns pela iniciativa e persistência! A gente agradece!

Daniel Martini Florim Sensacional. São as maluquices e os sonhos que nem esse que movem o mundo.

Adri Aleixo Eita! Eu adoro o **RelevO**!

Afonso de Castro Gonçalves Nós, os poetas menores, corpo-a-corpo com a vida, tecemos uma literatura de refúgio: angústia e triunfo. Putz, a edição 04/17, n.8 a.7 do **RelevO** foi como se diz por aqui “a melhor que tá tendo” ou o estupendo!

Dinovaldo Gilioli Parabéns a toda equipe que mantém esse instigante e criativo periódico. São esses prazeres da vida que faz sentido, que faz valer a pena.

Henrique Pitt O impresso só me chegou nesta última quinta, mas como valeu a pena de cada escritor! A edição está impecável. E mais: em que planeta da minha ignorância eu me desconstrava, que não tinha lido Manoel Carlos Karam, deusdocéu?!

Flavio Jacobsen Daqui a uns dez, quinze anos, vocês vão visitar casas de

amigos, de filhos de amigos, alguns já morando sozinhos, ou juntos, e vão se deparar com o pôster do Belchior. “socorro”, emoldurado ou colado, já amarelo, em algum canto, e vão dar aquele suspiro. Foram muitas emoções. Emocionante, é o que é. Eu chorei. Obrigado, amigos.

Da diagramadora: Esse choro ainda tá um pouco entalado por aqui. Obrigada!

Rinaldo de Fernandes Gostei da proposta do jornal. Há um privilégio aos textos de criação, especialmente poemas (bons poemas!). Há também ensaios bem interessantes e a diagramação é atraente. Certamente, e mantendo a tradição paranaense de bons periódicos literários, o **RelevO** virá para abrilhantar a literatura brasileira. Vida longa para o jornal!

CAPA DO RAFAEL ZENI

Rodrigo Akatsu adorei a ilustração do Rafael Zeni e fiquei feliz de conhecer esse periódico curitibano de literatura!

DÚVIDAS

Juliano Andrade Por que vocês têm ombudsman?

Da redação: Boa pergunta!

Thiago Schwartz Por que o O do **RelevO** tá em maiúsculo?

Da redação: Thiago, o nosso O é grandão porque tivemos problema de crescimento na adolescência, o que gerou consequências severas em nossa autoestima.

dos mesmos estúdios de “A vida financeira dos poetas”, “A vida de Brian” e “A vida no Colégio de Patafísica”:

“A incrível história do Homem-Garrafa”

Fabiano Calixto

depois de um dia de ressaca intranquila e bem desfavorável
chega em casa, puta bode, tira calça, meias, cueca
e se encontra metamorfoseado numa garrafa

inconsolável, só acha saída
na antropofagia, na farinha
e nas boquinhas de garrafa

o Homem-Garrafa tá de saco cheio de poesia
por isto, este lindo pôr do sol no centro de São Paulo
agora
não lhe diz nenhum respeito

o Homem-Garrafa tem voz de harpas destroçadas
e não gosta de ser chamado de Homem-Ampola
– Homem-Ampola é minha rola, seu filhodaputa! – vocifera,
quando Macarrão, seu truta de copo e de cruz,
o aluga com tão medonha alcunha

(o Homem-Garrafa adora palmito de pupunha
nos anos 80 torcia pro La Coruña
terceiro lugar nas Olimpíadas Interestaduais de Roeção de Unha
PhD em mumunha
cansado desse mundo repleto de tanta punha
é muito mais sábio que se supunha) –
do amor à rima, sou testemunha

o Homem-Garrafa é fã de Joyce
tipo tiete, língua de Finnegans Wake
batizou seu gato de Gita Finnicius
o início, o fim, o meio

o mundo é um bicho teórico
gira, gira e não chega em lugar nenhum
cada um com sua mania

formado em Liricopatologia, Alcoolismo Estético e Cinismo Experimental
foi colega de classe do saudoso e enigmático Doutor Faustroll
cruzou, guiado por Fausto Fawcett, a terrível Planície dos Danados
(viu, muito perto do Pântano das Pestes, as 105 crianças orientais
com cruzeiros de bambu cheias de pokémons crucificados,
cruzou os Subúrbios de Van Gogh — cheios de casas abandonadas, plantações
e Holyfields angustiados — e sobreviveu)

o Homem-Garrafa esteve em todas as passeatas #ForaTemer
hashtagueou, marcou deus e todo mundo: #NãoVaiTerGolpe
deu vários e vários vomitaco no feice
a galope o golpe veio e ficou
Temer continua lá
e o Homem-Garrafa
jamais despertou de sua ressaca
nem de seus sonhos intranquilos

Nelson Rodrigues em som e fúria

Ombudsman • Gutemberg Medeiros

A mais longa crítica teatral no Brasil, Barbara Heliodora, desde 1957 em jornais diários, não hesitava em comparar Nelson a Shakespeare. “Apenas pelo fato de serem dois homens de suas épocas, que absorveram os universos que os rodeavam e tiveram não só uma capacidade excepcional para criar as personagens que habitariam suas obras. Ambos tinham talento especial para o teatro, vendo o mundo em termos de ação, pois só quem pensa assim escreve bom teatro”, enfatizava.

A amizade entre eles nasceu quando o dramaturgo soube que Barbara era filha do “Marcos do Fluminense”. “Meu pai foi tricampeão pelo time e goleiro da seleção campeã sul-americana de 1919. O Nelson volta e meia falava nele. Nós nos encontrávamos no teatro ou no Maracanã, sempre com papos tranquilos e simpáticos”.

Barbara acreditava que parece “um engano a busca do clima das chamadas peças míticas, nas quais Nelson não chega a estabelecer uma dramaturgia realmente eficiente” e o melhor está em *Vestido de noiva* e *O beijo no asfalto*. Já seu maior tino estaria nas peças cariocas, nas quais, “pela primeira vez, transpõe para o palco, em termos teatrais, o linguajar do Rio de Janeiro, criando, com seu ouvido de repórter, ações dramáticas que lembram o ‘aqui e agora’ de *A vida como ela é...*, alterando definitivamente o teatro brasileiro”.

Por outro lado, Nelson era grande frasista. Barbara contava uma que ouviu pessoalmente dele, sentada ao seu lado no intervalo de um jogo no Maracanã – naturalmente, ambos torcendo pelo Fluminense: “Tenho a impressão de que em outra encarnação eu já pastei; porque olho para esse verde e me dá uma tranquilidade...” ou “Se carrocinha apanha cachorro, por que não apanha crítico?”. O humor e as frases jorravam em seu cotidiano.

Lembrar Nelson Rodrigues hoje parece ser fundamental, especialmente ao ver como a grande imprensa reprocessa os acontecimentos. O dramaturgo era nietzschiano ao defender que não existem fatos, mas a interpretação dos mesmos.

Nelson provavelmente elaborou

os dois momentos mais intensos de metajornalismo no Brasil nas peças *Boca de ouro* (1960) e *O beijo no asfalto* (1961). Após a estreia desta última peça, declarou: todos estamos afetados por esta peça e ninguém que a veja poderá sentir-se alheio a ela, pois nos envolve a todos. Eu creio firmemente que vivemos numa floresta de papel impresso: somos modelados, condicionados pela imprensa. Em *O beijo no asfalto* é dramatizado e tratado como se fosse uma personagem da peça. Cria-se então uma mútua dependência: os leitores tornam-se vítimas do que leem nos jornais e estes tornam-se vítimas dos caprichos, das atitudes e reações de seus leitores.

O beijo no asfalto mereceria ser lida com atenção por todos os que querem tecer uma leitura crítica do que os cerca. Literalmente, mostra como os fatos são reprocessados conforme a conveniência do veículo em que são expostos.

A histórica montagem se deu em 1961, com o grupo de Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Mário Lago e grande elenco no Teatro Municipal, na Cinelândia carioca. Era comum no teatro rodriguelano o jornalismo ser representado por profissionais de ética, no mínimo, discutível. Em *O beijo no asfalto*, o dramaturgo parte de um fato: um homem comum cumpre o último desejo de um atropelado que, às portas da morte, pede um beijo na boca.

Um repórter de polícia faz matérias forjando um caso escandaloso de homossexualidade. Para dar veracidade à peça, Nelson faz com que esse jornalista, personagem chave do espetáculo – praticamente seu protagonista –, receba o nome verdadeiro do maior repórter dessa editoria no poderoso jornal *Última Hora*: Amado Ribeiro. Samuel Wainer, o dono do periódico na vida real – o mesmo no qual Nelson era sucesso há dez anos com sua coluna “A vida como ela é...” – também é mencionado em cena. E o próprio jornal é apresentado, na visão do escritor, como aquele que induz a chamada “opinião pública”, a mesma que execra aquele que beijou na boca,

levando-o a uma morte trágica.

Luiz Fernando Mercadante – que atuou por grandes veículos como *Jornal do Brasil* e a revista *Realidade* – lembra que na estreia do espetáculo em questão, mais da metade da plateia era formada por jornalistas do Rio de Janeiro e de outros estados. “Corria o boato de que Nelson escrevia uma peça contra nós e a classe compareceu em peso”. Após o pano final, não teve o aplauso esperado. Os jornalistas saíram em silêncio e, no dia seguinte, alegaram que o autor retratava a redação de *Última Hora* e que todos os outros eram éticos no cotidiano. Mercadante viu a felicidade estampada no rosto de Amado Ribeiro durante a temporada. “Ele era pior do que na peça”, lembrava o jornalista. Mas, fora o Amado e Wainer, todos viraram a cara para Nelson, o que o fez sair do jornal.

A última coisa que o autor de *O beijo no asfalto* – e de outras 16 peças, além de romances e contos – deseja fazer é um retrato realista e agradável da vida urbana: o realismo, dizia ele, é uma “quase canalhice”. A fusão de memorialismo, reflexão, notícia e ficção em seu trabalho lembra a tradição satírica da imprensa russa da segunda metade do século 19, com debates políticos, morais e metafísicos em linguagem semicifrada para escapar à censura.

Nelson morreu afirmando que o grande autor de sua vida foi Dostoiévski, tudo estava lá. E certamente se valeu de *O duplo* e *Crime e castigo*, entre outros, ao recusar o realismo e a ausência de tensão trágica, ao contrário da maioria. Ele nunca explicou em detalhes sua visão de Dostoiévski, mas legou uma ou outra observação, como “a grande ficção nada tem a ver com o bom gosto” e “Dostoiévski é o meu único professor de drama”. Não à toa, Nietzsche foi atento leitor do russo, a partir do qual elaborou a sua concepção de Super-Homem.

Para melhor ler os tempos que correm, falta-nos alguém como Nelson no Jornalismo. Para melhor traduzir esses trás dos fatos, tão plenos de som e fúria.

FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



ETERNIZAMOS SUA HISTÓRIA

BIOGRAFIAS

Ilustração Fernando Amorelli

EDITORA INSIGHT - LIVROS ARTESANAIS

(41) 9555-5850 @INSIGHTBIOGRAFIAS



*o sol
entrou
no envelope
do horizonte*

Rita Maria Kalinovski, poeta.

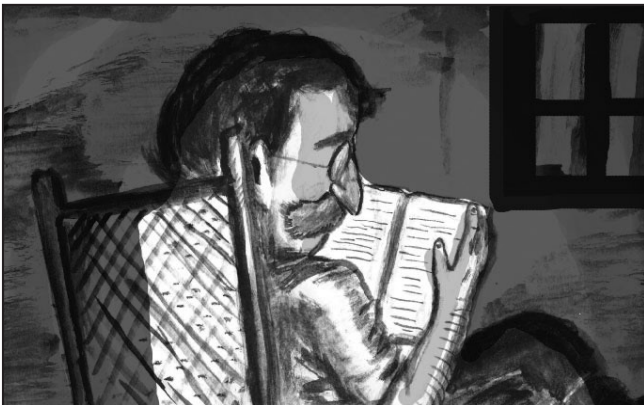
Conheça mais o trabalho da autora e adquira seus livros no Paço Municipal de Curitiba e na Livrarias Curitiba.



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

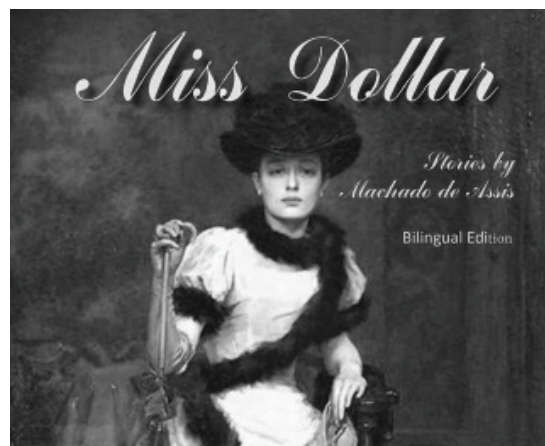
Para adquirir o livro: www.amazon.com

ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara
Curitiba, PR, CEP 81.480-150
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050

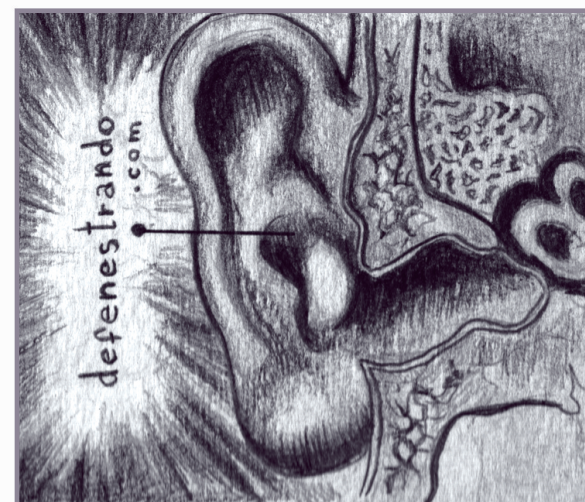


MISS DOLLAR - STORIES BY MACHADO DE ASSIS

TRADUZIDO POR GREICY PINTO
BELLIN E ANA-LESSA SCHMIDT

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR EM:

WWW.AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



(41) 3642-1128

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

info@joaquimlivraria.com.br joaquimlivraria.wordpress.com fb.com/joaquimlivraria

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

Literatura de Refúgio

O Literatura de Refúgio é um evento literário promovido pelo PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O objetivo da iniciativa é promover reflexões sobre as questões migratórias por meio da literatura.

O projeto, coordenado por João Arthur Pugsley Grahl, professor de Letras da UFPR e coordenador do PBMIH, e por Carla Cursino, jornalista e

mestranda em Estudos Linguísticos, coloca em contato migrantes, estudantes e professores de Letras e leitores por meio de seu formato. Os migrantes auxiliam na seleção de poemas e outros gêneros literários com a temática da migração, refúgio e exílio; alunos e professores de Letras da UFPR traduzem os textos e apresentam suas versões para o público, que participa de um bate-papo conduzido pelos coordenadores.

Ô Résiliente Stephanie Melyon-Reinette

Ô Résiliente
Ô Femme Abyssine, Ô Femme Noire
Sa peau ombrée qu'un soleil zénith moire
De baisers incandescents est la flamme
De sa négritude révélée de lumières...
Sa peau crépuscule luit
Sa peau, de miellées nuits,
Constellées de nuances éloquentes
Ô Cinabre Amarante
Ô Abyssine Hélianthe
Ô Résiliente
Ô Femme Éthiopique, Ô Femme Noire
Ses lèvres mangoustan, fruits miraculeux,
Disent l'ardent incarnat de son mystère
Et le feu des âmes incarnées dans sa chair
Dans sa chair drapée d'étoffes chamarrées
D'étoffes chamarrées de ses mémoires oubliées
De ses mémoires oubliées qu'il lui faut re-tisser
Ô Flamboyante Fleur Piment
Ô Éthiopique Femme Curcuma
Ô Résiliente
Ô Femme Africaine, Ô Femme Noire
Revêtant les parures de l'aïeule, de la mère
Est habitée d'esprits plusieurs fois centenaires
Son visage-halo, alors, d'aphrodite Ivoirienne
Lui donne des allures d'estase ouranienne
Un ange-sphinx, une vénus-piété
Qui, son regard d'Oracle, plonge dans l'éternité
Le défi. En pythie nubienne, elle est transfigurée
Du génie de la cité exorcisée, enfin enracinée...
Ô Mambo, Ô Prophétesse
Ô Résiliente
Ô Déliée Massai, Ô Callipyge Hottentote
Ô Korê ébène dans ses mises matrulinéraires
Une sculptural bronze, un bijou ciselé
Ô Reine d'humilité
Ô Impératrice de la postérité
Ô Résilientes...
Ô Idiosyncrasies...

Óh Resiliente Trad. Viviane Pereira

Oh Resiliente
Oh Mulher Abissínia, Oh Mulher Negra
Sua pele sombreada que um sol zênite lustra
De beijos incandescents é a chama
De sua negritude revelada de luzes...
Sua pele crepúsculo reluz
Sua pele, noites de mel,
Consteladas de nuances eloquentes
Oh Cinabre Amarante
Oh Abissínia Hélianthe
Oh Resiliente
Oh Mulher Etíope, Oh Mulher Negra
Seus lábios mangostim, frutos miraculosos,
Dizem o encarnado ardente de seu mistério
E o fogo das almas encarnadas em sua carne
Em sua carne drapeada de tecidos suntuosos
De tecidos suntuosos de suas memórias esquecidas
De suas memórias esquecidas que é preciso retercer
Oh Flamejante Flor Pimenta
Oh Etíope Mulher Cúrcuma
Oh Resiliente
Oh Mulher Africana, Oh Mulher Negra
Revestindo os ornatos da avó, da mãe
É habitada por espíritos tantas vezes centenários
Seu rosto-aura, então, de Afrodite
Marfinesa
Lhe dá ares de êxtase de Urano
Um anjo-esfinge, uma vénus-pietá
Que, com seu olhar de Oráculo, mergulha na eternidade
O desafio. Em Pítia nubiana, ela é transfigurada
Do gênio da cidade exorcizada, enfim enraizada
Oh Mambo, Oh Profetisa
Oh Resiliente
Oh Delicada Massai, Oh Calipígia Hottentote
Oh Korê ébano em suas formas maternas
Um bronze escultural, uma joia cinzelada
Oh Rainha da humildade
Oh Imperatriz da posteridade
Oh Resilientes...
Oh Idiosincrasias...

Niemand

Rose Ausländer

Ich bin König Niemand
 trage mein Niemandsland
 in der Tasche
 Mit Fremdenpaß reise ich
 von Meer zu Meer
 Wasser deine blauen
 deine schwarzen Augen
 die farblosen
 Mein Pseudonym
 niemand
 ist legitim
 Niemand argwöhnt
 daß ich ein König bin
 und in der Tasche
 trage mein heimatloses Land

Ninguém

Trad. Alessandra Freitas

Eu sou rei Ninguém
 levo minha Terra-de-ninguém
 no bolso
 Com passaporte estrangeiro viajo
 de mar em mar
 Água teus olhos
 azuis negros
 sem cores
 Meu pseudônimo
 ninguém
 é legítimo
 Ninguém desconfia
 que eu seja um rei
 e no bolso
 leve minha apátrida terra



Elle va nue, la liberté

Maram Al-Masri

Elle va nue, la liberté
 sur les montagnes de Syrie
 dans les camps de réfugiés.
 Ses pieds s'enfoncent dans la boue
 et ses mains gercent de froid et de souffrance.
 Mais elle avance.

Elle passe avec
 ses enfants accrochés à ses bras.
 Ils tombent sur son chemin.
 Elle pleure
 mais elle avance.

On brise ses pieds
 mais elle avance.
 On coupe sa gorge
 mais elle continue à chanter.

Ela vai nua, a liberdade

Trad. Carla Cursino

Ela vai nua, a liberdade
 pelas montanhas da Síria
 nos campos de refugiados.
 Os seus pés afundam na lama
 as mãos se partem de frio e de intemperança.
 Mas ela avança.

Ela passa com
 seus filhos agarrados nos braços.
 Eles ficam pelo caminho.
 Ela chora
 mas ela avança.

Quebram os seus pés
 mas ela avança.
 Cortam sua garganta
 mas ela continua a cantar.

Maidan | O incrível mês em que o Jabuti alcançou as HQs

por Ben-Hur Demeneck

Maio de 2017 marca nossa história editorial pela inclusão dos Quadrinhos como categoria no Prêmio Jabuti. O marco da campanha de reconhecimento foi um abaixo-assinado encabeçado pelo quadrinista Wagner Willian e pelos jornalistas Érico Assis (Omelete, Blog da Companhia) e Ramon Vitral (Blog Vitralizado). Desde a “carta dos quadrinistas brasileiros” ser publicada na plataforma Change.org ao anúncio da novidade pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), o Jabuti levou 120 dias para alcançar as HQs. Wagner Willian, autor da graphic novel “Bulldogma” (Editora Veneta), comenta a façanha quelônia.

Em que a novidade do Prêmio Jabuti afeta o “grande público”?

Os quadrinhos estão presentes desde a alfabetização. Já fazem parte do imaginário brasileiro. As inúmeras adaptações cinematográficas, sejam elas de heróis ou não, movimentam milhões mundo afora. Editoras e selos editoriais foram criados para atender à demanda. No Brasil, os festivais dedicados à Nona Arte batem recorde de público ano após ano. A entrada dos Quadrinhos no Prêmio Jabuti é o reconhecimento oficial disso tudo.

Quais quadrinhos publicados nos últimos cinco anos mereceram um Jabuti? E por quê?

Vamos lá: (a) “Apocalipse Nau”, do Eloar Guazzelli, pela imensa intimidade do traço, como se fosse feito às pressas para não perder o momento. Essa característica traduz a história com perfeição. (b) “O mar”, de Diego Sanchez Más Saint Martin, pelo lirismo de seus desenhos e texto, e por tudo aquilo que suas sugestões evocam. (c) “Ordinário”, do Rafael Sica, porque é mesmo genial. (d) “Encruzilhada”, do Marcelo D’Saete, com suas articulações e cortes de cenas criando um dos melhores ritmos narrativos. (e) “Mensur”, do Rafael Coutinho, pela elegância de seus traços e narrativa. (f) “Campo em Branco”, do Emilio Fraia e DW Ribatski, por transformar o quadrinho em um lugar. É praticamente um site específico. (g) “Talco de Vidro”, do Marcello Quintanilha, pela densidade psicológica.



Exclusivo: página da graphic novel “O Maestro, o Cuco e a Lenda”, de Wagner Willian, prevista para ser lançada este ano.

2. O estranho Simbolismo: o início da modernidade literária em Mallarmé

Sandra M. Stroparo

“E o que podemos desaproveitar, o que desaprovamos na nova escola? O abuso da pompa, a estranheza da metáfora, um vocabulário novo em que as harmonias se combinam com as cores e as linhas: características de toda a renascença”. Em 1886, Jean Moréas publicou o Manifesto Simbolista no jornal parisiense *Le Figaro*. A retórica de manifesto do texto não o impede de tratar das principais questões que lhe interessam: uma nova linguagem, seu posicionamento na história da arte e, já de início, como vemos na epígrafe, a elaboração de respostas às críticas que alguns poetas vinham recebendo.

Como que a referir muitas das opiniões da crítica sobre os poetas da época, o manifesto não teme a afirmação da estranheza, do diferente, da recusa ao convencional daquele momento, fazendo disso exatamente sua moeda. Moréas descreve a “nova escola”, ainda há pouco chamada “decadente”, como uma renascença poética: não apenas uma voz, mas um novo momento, um novo *modus operandi*. E, para um novo modo, uma nova linguagem. “O abuso da pompa, a estranheza da metáfora, um vocabulário novo [...]” são observações que descrevem e posicionam as obras de vários autores que podem ser incluídos sob essa definição.

Estamos prestes a assistir o alvorecer das vanguardas e de sua consequente modernidade, mas, ao contrário de escolas posteriores, o manifesto simbolista parece apenas buscar legitimar e consolidar obras e autores já conhecidos, alguns até mesmo bastante estabelecidos àquela altura, mas que ainda se viam a descoberto, sem a égide de uma escola, de

uma proposta que os justificasse e explicasse. Ao fazer isso, o manifesto também recusa as acusações de “obscuridade” feitas a esses poetas por “leitores inconsequentes”.

Considere-se, por exemplo, a revista *Le Parnasse Contemporain*, cujo primeiro número, de 1886, foi o palco de estreia para os poemas de Stéphane Mallarmé, que teve também alguns publicados no segundo número. Ao chegar ao terceiro número, em 1875, os editores da revista — Théodore de Banville, François Coppée e Anatole France — geraram o que se chamou de *Affaire du Parnasse*, ao rejeitar o poema do Fauno de Mallarmé, sendo que o que “vazou” da seleção foi a frase de Anatole France: *On se moquerait de nous!* (Rirão de nós!).

Mas houve outros “leitores inconsequentes”. A rejeição a algumas características dessa poesia nova gerou em alguns críticos uma reação igualmente nova, pois sua recusa se expressava sob acusações de obscuridade e afirmações de que essas obras eram incompreensíveis. O que sabemos hoje, com a confortável perspectiva de mais um século, é que essas críticas tratavam de aspectos que em pouco tempo não seriam mais chamados de decadentes ou simbolistas, mas que seriam especialmente considerados Modernos, e que o estranhamento produzido por eles viria a ser reconhecido, consistentemente, como parte de sua essência e, no limite, sua própria literariedade.

E Mallarmé, dentre os poetas da época, é certamente o melhor exemplo da realização de uma poesia cuja linguagem foi imediatamente

percebida como “diferente”, aceita por uns e rejeitada por outros, mesmo antes de seus maiores textos serem conhecidos. Alguns desses leitores geraram inclusive pequenas polêmicas, réplicas e tréplicas públicas, numa mídia impressa bastante ativa como era a mídia francesa da época, sedenta por embates literários. Mas o poeta em nenhum momento se deixou abalar por opiniões adversas ou mesmo recusas à sua obra, enfrentando as leituras não favoráveis com a consciência de quem carregava uma nova bandeira.

Em carta para Villiers de L’Isle Adam, em 31 de dezembro de 1865, Mallarmé afirma ter o plano de sua obra e de sua teoria poética, que consistirá em “gerar impressões as mais estranhas, claro, mas sem que o leitor esqueça, por elas, nem por um minuto, o prazer que lhe concederá a beleza do poema”.

Mallarmé sabia, mas a crítica demorou um pouco mais... Embora louvada em seu próprio tempo, a obra do poeta custou um pouco a formar uma fortuna crítica que oferecesse caminhos e possibilidades de leitura e que organizasse, por exemplo, as muitas versões de seus poemas. O tempo demandado para isso foi o mesmo para as vanguardas, e a tomada definitiva da arte pelos ares modernos. Mallarmé, embora fosse um predecessor, passou, na primeira metade do século 20, pelo mesmo processo de lenta compreensão e aceitação.

Trecho do ensaio “O estranhamento na arte e da crítica”, integrante do livro *Poéticas do Estranhamento* (Arte & Letra, 2015), organizado por Myriam Ávila e Sandra M. Stroparo.

RelevO Fanfics



Catraca Azevedo

5 mins · 🌐

Se tem uma coisa que me irrita é homem que abusa de mulher no ônibus. O sangue me ferve, fico puto. Tão puto que aceitei um Hyundai i30 dos meus pais para não me estressar mais nessa merda de transporte público. Sei que algumas mulheres baixinhas abusam quando usam decotão logo às sete da manhã. Sei beeeem o que é isso, mas nem assim eu ataco mulher, no máximo dou um sorriso ou pergunto se precisa de ajuda pra segurar a bolsa – até se ela é gorda. Infelizmente, tive que emprestar o i30 para a minha mãe (torcendo para que ela não destrua, porque, sem preconceito, que mulher barbeira) e fui de ônibus para a agência. No ônibus, enfim, vi algo em que não acreditaria, não estivesse já acostumado com esse tipo de absurdo: era um homem se esfregando numa mulher loira – bonita mesmo –, mas se aproveitando dela! Enxerguei claramente a mão dele encostando no antebraço dela logo que o biarticulado deu partida. Não tive dúvida: fui lá e chamei a atenção do cara – até porque, como falei, ela era bem gata. Me aproximei e, de peito estufado, bradei: “pô, cara, para de safadeza. Você não sabe como é difícil ser mulher na sociedade contemporânea. Nós, homens, temos um histórico de opressão à mulher e não podemos compactuar com esse ecossistema desigual, injusto, que objetifica a mulher e a diminui enquanto ser humano. Lute como uma garota!”. Na mesma hora, ele soltou da loira gostosa. Nesse momento, contudo, percebi que ele era cego, e que provavelmente foi ela quem encostou nele no momento em que o ônibus partiu, do contrário o sujeito teria voado. De todo modo, o silêncio ao redor apenas comprovava o desconforto de combater o patriarcado por dentro. Alguns segundos depois, o ônibus inteiro aplaudiu – meu brother Edu estava lá e pode comprovar. Espero comer a loira.



Like



Share



1.2K



Olavo de Menezes

4 hrs · 🌐

Hoje, por volta das seis da tarde, voltando pra casa de Cabify, avistei um cachorro sarnento no pé do semáforo. Não tive dúvida: interrompi minha viagem, desci do carro e ofereci um pedaço do meu lanche ao pobre animal faminto. Pude ver, enquanto ele comia, no fundo daqueles olhinhos indefesos, sem condições de melhor viver nessa sociedade capitalista, um ar de agradecimento – era puro, fraternal. Abracei o pobre animal. Mudei minha rota e o levei comigo até o DCE. Infelizmente, ele sumiu após se assustar com o cheiro. Eu já chamava o cão de Leotard – um trocadilho com meus dois referenciais teóricos, Lyotard e MC Leozinho, talvez você não vá entender –, pois damos nomes a tudo aquilo por que nutrimos empatia. Leotard seguiu seu difícil caminho atravessando na faixa. Emocionada, peguei outro Cabify para chegar em casa: tenho certeza de que aquela porção de salada de grão de bico o ajudará a enfrentar esse mundo frio com mais força.



Like



Share



Leonardo Kataguir

May 27 at 1:59pm · 🌐

Me considero uma pessoa preocupadx com questões sociais. Não à toa, deixo todo o meu salário comigo mesmo, pois dessa forma invisto em causas sociais. É complicado para mim, que não me encaixo em nenhum gênero, mas sou bem parecidx com o Ciro Bottini, ter que enfrentar algumas situações, e é com pesar que relato um triste evento de ontem. Depois de voltar da manifestação contrária a uma manifestação contrária a uma nova série empoderadx da Netflix, ouvi da boca de um gari a seguinte frase: ‘moço, não jogue essa lata no chão, por favor’ sem motivo algum. Sabia que tinha pouco tempo para desconstruir conceitos tão retrógrados da cabeça de uma pessoa tão alienada. Afinal, sei que ela também é vítima de um sistema desalmado, que não reconhece ninguém, nem mesmo o Ciro Bottini – a não ser que você tenha nascido com o registro em cartório de Ciro Bottini. Enfim, era minha hora de ensinar. Disse: ‘moço é o caralho – quem é você para dizer quem eu sou? Quem é você pra afirmar meu GÊNERO?’. Infelizmente, parece que essa gente fala outra língua, pois ele apenas me ignorou, respondendo com um arrogante ‘me entrega essa lata que eu jogo, por favor’. É por isso que aquela frase de Oscar Wilde segue cada dia mais atual: o que preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons. Obrigadx.

Meu l
lactos
para
minut
glúter
pergu
Virei
estab
intole
estac
elétric
Dá ris
com f
tráfico
da pe
Brasí
do es
mais
um sa
não s
venci

Estav
traba
de se
Expli
Mães
com
carin
lado
de se
meu
aprox
“o im
cheg

52K





Kim de Carvalho ✓

May 30 at 10:28pm · 🌐

o bairro é um péssimo lugar para comprar pão sem glúten e sem lactose. Dia desses, não aguentei e fui na fila da padaria às 7 da manhã para fazer um teste de paciência e de empoderamento. Depois de vinte minutos de espera, perguntei ao atendente Arnaldo se tinha pão sem glúten e sem lactose. ‘Senhora, é a segunda vez na semana que você pergunta isso. Infelizmente, nós não temos’. Foi a gota d’água pra mim. Esperei para o restante da fila, que nesse momento chegava até a porta do estabelecimento, e gritei: ‘esse lugar é um absurdo! Não respeita quem é intolerante à lactose e ao glúten! Quem concorda com esse desrespeito merece uma punição em vaga de cadeirante! Faz gato pra burlar a conta de energia elétrica! Não devolve troco errado! Cospe no sorvete pra não dividir! Chora quando cego bate a cabeça no poste! Faz piada de pobre com o flamenguista! Rouba dinheiro da mãe pra alimentar a indústria do lixo! Quem compra aqui compactua com a injustiça social! É a favor da desigualdade e da morte! Não pode falar absolutamente nada dos golpistas de 64!’ Quando encerrei meu discurso, às 7h10, as pessoas saíam do estabelecimento antes de comprar o pão matinal e diziam que nunca mais voltariam à Panificadora Pãozinho Dourado, porque ‘o ambiente é tóxico’. Ganhei a batalha e sei que precisamos lutar por aqueles que não são ouvidos, mas também sei que a guerra ainda está longe de ser vencida. Isso que eu nem sou intolerante a nenhum dos dois...



Danilo Sakamoto

12 hrs · 🌐

Estava dialogando com o meu patrão sobre a minha vontade de voltar ao plantão de feriado quando entrou um companheiro meu, conhecido por dar problema e reclamar do banco de horas. Falei ao meu patrão que não iria trabalhar porque era Dia das Mães e sua desalmada estava doente. Meu patrão se enfureceu com o corpo mole e disse, ao mesmo tempo em que me olhava com desprezo e respeito: “por causa de gente como você, o Juninho aqui do plantão tem que trabalhar dobrado no feriado”. Esperei o companheiro sair para dizer que estava agradecido pela confiança no meu trabalho e que era muito bom ser reconhecido. Meu patrão se emocionou ainda mais, me abraçou e disse baixinho, no meu ouvido: “o mais importante é sempre ter bom senso, Juninho”. Para comemorar, fui embora mais cedo no dia seguinte.

Views

Like

Comment

Share



Cynara Gentili ✓

May 27 at 12:11pm · 🌐

Vai ter mãe babona sim!!! Só quem é mãe entende. Hoje pela manhã, a minha filhinha de três anos deu uma aula de civilidade enquanto brincava com o Bakhtin, nosso gatíneo querido. Estava eu conversando com meu marido sobre a importância do professor para uma sociedade mais desenvolvida, quando a Clarice perguntou o que faz um professor. Disse a ela que um professor ensina quem não sabe e é um companheiro pra vida toda. “Mãe, eu quero ser professora!”, disse minha filha, com os olhos brilhando. Real oficial. Quando expliquei a ela que precisava estudar muito para ser professora, e que esse era um caminho muito árduo, com muita gente ganhando mal e sem reconhecimento, ela continuou empolgada: “mãe, eu quero ensinar e fazer um mundo melhor! Não quero apenas concentrar riqueza”. Melhor filha que você respeita. Tive dificuldades para conter as lágrimas, ainda assim consegui dizer: “Você será tudo o que quiser, minha filha”. Clarice veio até mim com a coluna ereta, orgulhosa. Ela me abraçou e disse: “Obrigada, mãe, por você existir”. É muito amor, gente!



Like



Share



Reinaldo Livre

Yesterday at 8:33am · 🌐

Nada é melhor do que a certeza inabalável de que você está contribuindo com um futuro iluminado. Pois o pequeno Jacques, meu filho de apenas 6 anos, só me dá orgulho: hoje mesmo, enquanto passávamos pela asquerosa loja de brinquedos que dia após dia exacerba o fetichismo mercadológico desde cedo, presenciei dois momentos muito enriquecedores. No primeiro deles, Jacques pediu um carrinho Hot Wheels, ao passo que deixei claro como não haveria problema algum caso ele quisesse uma casinha de brinquedo. Também elucidei a ele a maneira como a Hot Wheels não produz bicicletas de brinquedo, o que diz muito sobre a mobilidade urbana ocidental. Quando Jacques pediu um boneco do Wolverine, também fiz questão de certificá-lo de que tudo estaria ótimo se ele pedisse uma boneca Polly. Depois de alguma insistência da minha parte – é preciso educar o quanto antes, e nesse aspecto me considero um pai firme –, Jacques parecia um tanto cansado e queria ir para casa. Como também me considero um pai de cabeça aberta, levei uma Polly e um Wolverine. O segundo belo momento veio algumas horas depois. Enquanto Jacques misturava os dois brinquedos, ensinei a ele sobre a alegoria social dos X-Men, e então sugeri: por que você não usa o Wolverine para cuidar da casa, e a Polly empreendedora para derrotar mutantes? Jacques fitou meus olhos com a sabedoria de um ancião e respondeu “Tá, pai”. Eu o deixei em seu quarto com uma clara ideia: quem me dera todo adulto pensasse como Jacques.

Defenestrando

A noite em que uma criança perdeu a entrevista com Criolo e Emicida

Felipe Gollnick

Em uma época em que coisas reluziam, as cores eram em preto e branco e o povo andava pelas ruas, uma criança seguiu pelos corredores de uma casa de shows em Curitiba. Ela acompanhava os passos rápidos de uma assessora de imprensa que deslizava com pressa. Era uma noite fria de junho de 2013 e a Copa das Confederações daquele ano estava começando em Brasília. Portanto, os fatos narrados aqui aconteceram há mais de setecentos anos.

A criança tinha uma missão: entrevistar Criolo e Emicida, que fariam um show em conjunto. Com pouca experiência em entrevistas, ela deveria falar, ao mesmo tempo, com os dois maiores rappers do Brasil naquele momento — nenhum deles conhecido pela empolgação ao atender a imprensa. A criança já era pequena, se apegunava diante da situação que vinha pela frente e tornava-se praticamente microscópica diante da assessora de imprensa, moça de beleza absurda e um olhar perfurante que poderia fazer celebridades dizerem “Ok”.

A casa de shows era a Live Curitiba (que, na pré-história da história e da pleura, ainda se chamava Curitiba Master Hall). A criança seguiu a assessora enquanto ela nadava em

braçadas em frente ao palco, até chegar a uma portinha lateral que dava acesso a outro corredor apinhado de gente. Criolo e Emicida estavam lá, tirando fotos com fãs que ganharam uma promoção realizada por uma emissora de rádio.

Rádio era um aparelho eletrônico que existia na época. Era capaz de converter ondas eletromagnéticas que irradiavam pelo ar em sinais elétricos que faziam vibrar uma caixa de som que reproduzia músicas e promoções para shows de rappers.

A entrevista tinha sido solicitada por alguém da gravadora que estava distribuindo o DVD que Emicida e Criolo lançavam em conjunto. Um pedido que vinha de cima. Então, a entrevista teria que acontecer, querendo os rappers ou não. A criança também não tinha lá solicitado esse papo.

Após tirar as fotos com os fãs, Emicida atravessou o corredor onde estava a assessora de imprensa fuzilante e a criança.

“Emicida, a gente tem uma entrevista rapidinha com esta criança”, disse a assessora. Emicida olhou para a criança e disse, enquanto se lamentava:

“AAAAAAH MAIS UMA ENTREVISTA???” disse Emicida.

A criança, que já andava pequena,

praticamente evaporou numa dobradura plasmática do tempo e do espaço (algo muito comum naquela época). Segundos depois, a criança ainda estava naquele corredor. Emicida, contrariadíssimo, parou ao lado da criança e ficou quieto enquanto a assessora de imprensa esperava Criolo terminar a conversa com os fãs.

“Eu tava lá naquele show da Karol Conká no Teatro Paiol que você participou. Foi massa”, disse a criança, tentando amenizar o clima com Emicida.

“Daora.”

“Você chegou a trocar mais ideia com ela?”

“A gente se trombou.”

Os próximos segundos de espera duraram horas até que Criolo apareceu, de calça branca, camisa social amarela e uma jaqueta do Paris Saint-Germain, um time de futebol da França (a França era um país que existia na época). A assessora levou todos a um camarim vazio, porém, com cara de camarim, lâmpadas ao redor do espelho, coisas daquele tempo. Uma sala grande em que ficaram apenas a criança em frente a um sofá no qual sentavam os maiores rappers do país. Num canto, um fotógrafo; noutro canto, a assessora.

A criança respirou fundo, voltou a existir e adquirir tamanho, pegou o celular do bolso, ligou o gravador e fez as perguntas que tinha planejado. Criolo esteve gentil e educado, querendo conversar; Emicida estava ali porque era obrigado. Cinco ou dez ou quinze minutos depois, a assessora indicou o fim do tempo disponível; todos se levantaram e se cumprimentaram; cada um voltou ao seu espaço; a criança viu o show satisfeita e alegre por ter entrevistado os maiores rappers do país daquele tempo ao mesmo tempo e todos viveram felizes para sempre.

Não. No dia seguinte, de ressaca, a criança foi ouvir a gravação da entrevista no celular e só havia ruídos digitais incompreensíveis. Houve algum problema e o celular não gravou nada. De péssima memória, a criança usou as poucas frases das quais se lembrava para fazer um texto de três ou quatro parágrafos. Parágrafos. Sumiu no tempo e no espaço outra vez, até criar vergonha na cara, aprender que entrevistas não se gravam com celulares e comprar um gravador. Que era só gravador. Um gravador era um aparelho que convertia ondas sonoras em informações digitais gravadas em um chip.

Passagem

Daniel Martini

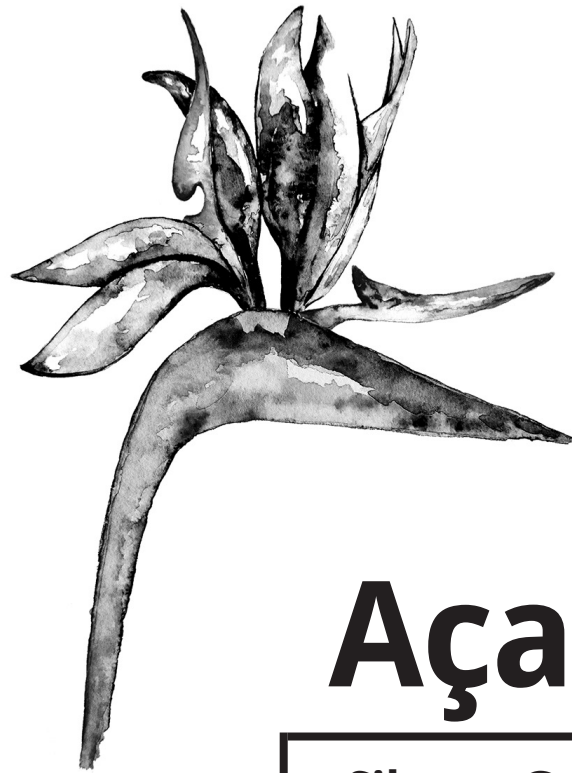
Um pé atrás do outro, o homem passou
Pela praça do Homem Nu, era só mais um
Um céu de chumbo, no seu chapéu pesou
Pensou no frio que passa, quem dorme na praça
Onde o teto é o céu

Cantando na praça, a moça passa o chapéu
Na luz amarela, o artista pede atenção
Em casa, um ilusionista passa café
Pensando em viver de arte, “será que é tarde?”
Será que é um sonho vão?”

Num velho Gapuruvu, pássaro pousou
Em frente ao teatro, tão difícil de entrar
Soprou o seu canto, arcano e familiar
Cantor vive de migalha, ajuntando palha
Pra morar perto da flor

Por baixo dessa cidade, um rio passou
Seu nome: a cidade onde nasceu nossos Senhor
Levando em si a sujeira de todos nós
Seu leito só é visível das margens invisíveis
Que não têm voz

Canção integrante do álbum *O Sul É Meu Nordeste* (2017)



Açafrão

Silvana Guimarães

Uma coisa amarela,
é isso o que eu quero.
Quem sabe a lua nova,
quem sabe um dia manso.
Talvez um galho de sol
sobre um rio cansado.
Uma coisa amarela,
eu quero, porque quero.
Talvez, cheiro de outono,
quem sabe, um pedaço
de vento, folha, areia,
coisa que vem de dentro.
Qualquer coisa, eu quero.
Da cor que regenera.
Qualquer tom de amarelo,
que não seja sorriso.
Pode ser até um beijo,
alguma coisa acesa.
Fogo, faca, afago
de tirar meu fôlego.
Quero, porque preciso,
alguma coisa qualquer.
Quem sabe uma palavra,
ainda que fosse suja.
Quem sabe só uma flor
chegando com urgência.
Uma coisa amarela,
talvez. Como um susto.

A mulher engoliu um Pinóquio

Micheline Verunschik

A mulher engoliu um Pinóquio quando era criança. Não lembrava desse episódio e espantada e incrédula vê o médico apontar na radiografia a exata localização do boneco, ao fim da traqueia, onde deveria estar o brônquio direito. Não é grande, deve medir uns oito centímetros de altura talvez, e na chapa de acetato, se percebe no brilho branco-azulado, o seu contorno humano, o seu nariz de mentiroso, e mesmo o chapeuzinho pontudo. A mulher imagina que ele está vestido, pois não faria sentido um boneco nu de chapéu, mas não consegue distinguir se está de botas ou descalço, e pensa que não é nada impossível que ele esteja despido, mesmo de chapéu, o que a faz lembrar rapidamente de um conto de fadas em que um rei estava nu, embora pensasse que estivesse vestido.

O médico numa voz calma e confiante pergunta se seus pais ou outro familiar poderiam elucidar as questões que surgem a partir da inequívoca imagem: com quantos anos ela estava quando engolira o Pinóquio? Por que não se fizera nenhuma cirurgia para tentar extraí-lo? Se era de plástico ou madeira, uma pergunta importante, afinal, pois se fosse de plástico, seria uma réplica, mas se fosse de madeira era um autêntico Pinóquio, o que certamente teria consequências diversas. Doera? Chorara? Sentira imediata dificuldade para engolir ou respirar?

O consultório é espaçoso, há diplomas e certificados na parede, e em um quadro se pode ver todo o sistema pulmonar em relevo. Sobre a mesa de vidro alguns porta-retratos, um porta-lápis preto com detalhes em bege e o laptop prateado atrás do qual o médico fala como se estivesse defendendo uma tese acadêmica, a voz monótona e ligeiramente anasalada. Os brônquios são os tubos que levam o ar aos pulmões, estruturas que se assemelham a árvores, termo que aliás se usa, “árvore brônquica”, que é o conjunto formado pelos brônquios principais e suas ramificações pelos pulmões. Fala-se em brônquios principais ou de primeira ordem, porque existem ainda os brônquios de segunda e de terceira ordem. O brônquio direito é menor, mais vertical e mais largo que o esquerdo.

Mas a mulher não escuta nada ou quase nada que o médico diz àquela altura, posto que sua atenção se dispersou no exato momento em que ele proferira a palavra árvore e ela lembrara que comera brócolis no almoço do dia anterior e que possivelmente faria mais sentido se as ondas eletromagnéticas detectadas no alvo, que era ela, revelassem que seu brônquio direito tivesse se transformado num talo generoso de brócolis com centenas de pedúnculos florais densos e verde-escuros.

A mulher aperta a mão do médico e

sai com requisições de exames soltas de maneira desleixada dentro da bolsa. Avisa à secretária, sem muita convicção, que telefona depois para agendar o retorno. A secretária é uma moça magra e morena, muito bem ajustada ao uniforme cor-de-rosa, e com unhas pintadas de base e decoradas com flores de pétalas vermelhas. A secretária balança positivamente a cabeça e sugere um sorriso enquanto entrega o recibo pela consulta.

A mulher desce três andares de elevador e se vê na rua, sem muita noção do que deve fazer em seguida. Vai caminhando pela calçada, compassadamente. O dia está frio e ela não colocou sapatos adequados, por isso sente os pés um pouco adormecidos. Ela se sente perplexa e seu percurso é realizado ora como se estivesse anestesiada, ora como se pudesse sentir a ponta do chapéu, ou seria do nariz?, do Pinóquio, a espetar-lhe a garganta.

Por mais que remexa nas memórias não lembra do dia em que engoliu o boneco, nem mesmo da família tocar nesse assunto, mas aos poucos uma vaga noção do que tenha realmente acontecido começa a se infiltrar em pequenos flashes, como num sonho. Então começam a surgir os questionamentos que lhe fugiram diante do médico. Se eu engoli mesmo um Pinóquio, isso significa que alguém mentiu para mim e eu aceitei

a mentira ou que a mentirosa sempre fui eu, e de um modo mecânico e pouco inteligente, dei um jeito de fazer com que isso se tornasse parte de mim? Se meu brônquio direito foi substituído pelo Pinóquio isso significa que ele está vivo e é por ele que respiro? Se é assim, é impossível removê-lo? Se ele está vivo isso significa que a cada mentira que eu possa eventualmente contar seu nariz cresce e se pudermos observar isso, seu nariz crescendo entre as capilaridades do que antes seria um brônquio, é possível que perfure cartilagens, ossos, músculos e me fure a garganta de dentro para fora me matando ou, na melhor das hipóteses, me transformando numa aberração a olhos vistos? É possível conviver com ele? Há algum remédio ou tratamento que possa controlá-lo ou até mesmo matá-lo?

A mulher se desespera de que o médico não esteja lá para responder às perguntas que teimam em jorrar, atropeladamente, e pensa em retornar correndo ao consultório, o que seria, decerto, uma loucura, pois não poderia invadir o horário de atendimento da mulher seguinte, aquela senhora de vestido azul que com toda a certeza sentia os efeitos da menopausa, o suor teimando em escorrer da testa, a afobação que, indisfarçável, ameaçava romper os limites do busto decote afora. Então a mulher pensa que talvez o Pinóquio,

o seu Pinóquio, seja o efeito de uma menopausa precoce, afinal, no mês anterior a menstruação atrasara um tanto, coisa que a assustara na possibilidade de uma não planejada gravidez. Entretanto, duas semanas depois o sangue fluiu como se nunca tivesse faltado ao compromisso, e ela prontamente esqueceu a ausência, desculpando o corpo como desculpara sua memória pelo descuido.

A mulher dá voltas em torno de si mesma enquanto caminha e se pergunta, no meio a tantas questões, se o Pinóquio terá uma voz e se a tiver não se confundiria com a sua. Em desespero, começa a cogitar que talvez aquela faringite que a fez perder a voz no dia da apresentação do trabalho, quando ainda fazia faculdade, não teria sido uma abrupta substituição da sua voz pela voz do boneco, coisa que poderia soar absurda uma semana antes, mas que agora, depois do exame e da consulta, não parecia nada inverossímil. A mulher para por um instante e retira da bolsa um pequeno estojo redondo que se fecha sobre si mesmo em dois espelhos, um normal e outro de aumento, depois de abri-lo se mira detidamente para constatar que ainda é ela a dona do seu rosto e não o Pinóquio que se alastrou para fora de si.

A mulher continua andando e anda horas até que chega à entrada do seu prédio. O primeiro portão é aberto, ela fica entre as duas portas de vidro

por instantes, o segundo portão então se abre e o porteiro a cumprimenta. Ela o cumprimenta de volta, mas na verdade sua percepção não registra essa interação. Um outro problema se agiganta em sua mente, como contar qual é sua doença, como detalhar e exhibir o exame que aponta a presença de um boneco mentiroso de madeira (ou plástico, caso seja uma réplica) onde deveria existir um brônquio? A mulher entra no elevador, suas paredes metálicas e frias fazem disparar o seu coração porque por um instante se imagina morta, dentro de um caixão, sendo conduzida terra abaixo, embora claramente o elevador ascenda ao décimo quinto andar.

O elevador chega, finalmente, ao destino e a mulher hesita, entra ou não em casa? Não entra, fica parada diante da porta procurando um meio de entrar, de chegar ao apartamento em que vive. Pode ficar uma eternidade ali, pensa. Ou pode fugir, recomeçar a rota sem rumo entre ruas e calçadas, com o Pinóquio que ela traz consigo e que de certo modo, ou de modo total, agora é ela. Não precisa esperar muito, a porta se abre, o marido que iria comprar pão se depara com ela, imóvel. Então a mulher fala, e nessa hora não se sabe se é ela mesma ou o boneco quem flexiona as palavras da curta frase: Eu tenho câncer.

Mulheres que escrevem poesia lendo mulheres vivas

A vontade de comer a musa com arroz e feijão – parte 3

Estela Rosa

Conheço Marília Garcia da faculdade, estivemos juntas em algumas aulas, em algumas mesas de bar. Com seu jeito silencioso, Marília escreve sobre cidades de uma maneira única e complexa ao fazer poesia. Revirando os mais diversos tipos de escrita, é um desafio adentrar pela poesia dela e sair imune. Lembro quando peguei em mãos a primeira edição de *20 poemas para o seu walkman*, naquela edição lançada pela 7 Letras em parceria com a Cosac Naify. De fato tive vontade de ouvir a Marília tocando em repeat no meu walkman. Atualmente ela é editora e criadora da Luna Parque Edições e segue realizando um trabalho importantíssimo com a poesia no Brasil.

Marília Garcia

a garota de belfast ordena a teus pés alfabeticamente

98 voltas pelo parque antes de cair em círculos sobre o próprio peso
98 vezes ela dizia o mesmo: você pode ou não pensar em algo definitivo. parecia a garota de belfast trazendo a memória dobrada como um paraquedas dentro do tecido eletrizado.

enquanto falava descia a escada lateral recortando os ruídos da orquestra. a roda da bicicleta girava em loop esfarelando os reflexos no ar e seis horas parada diante do ralo, pode ou não pensar em algo, sentada na beira do quarto. olha de longe quando o carro passa, desce à noite pelos trilhos quando tudo é uma vingança fala de pontes atravessando os túneis da cidade e ordena a teus pés alfabeticamente

a anoitecer sobre a cidade
a câmera em rasante
a correspondência
a crueldade é seu diadema
a curriola consolava
a dor
a espera do café
a gana de procurar
a intimidade era teatro

a tomar chá, quase na borda
a voz em off nas montanhas
abre a boca, deusa
abria a cortina
acho que é mentira

pode ou não pensar que era a sua voz em mountain hill
a uma velocidade de 1 km/h ou mil. antes

de voltar para a irlanda já começara a perder. entende que só depois de o blindex esfarinhado contra a cabeça, só em poucos segundos até que a cabeça contra o blindex, mas isso era apenas parte do trajeto, não tinha como calcular as noites ou linhas em que passaria.

“como extrair o áudio de uma imagem congelada” essa era a etiqueta que colava nas paredes para tentar descobrir como chegar com precisão e ao fundo a voz pela fresta
a ordenar este livro:

agora nessa contramão
agora chega
agora é a sua vez
agora estamos em movimento
agora pouco sentimental
agora sou profissional
água
água na boca
agulhadas

ou vertigem das alturas. você pode acordar trinta anos depois com a imagem ainda mais viva
quando o quarto está às cegas

as cartas
as cartas quando chegavam
as lupas desistem
as mulheres e as crianças
asas batendo
atravessa a ponte
atravessando a grande ponte
atravessa vários túneis da cidade
autobiografia. não, biografia
aviso que vou virando um avião
azul deixo as chaves soltas no balcão
azul que não me espanta

É difícil falar de quem lê nossos escritos em primeira mão. A confiança é algo que pode deturpar opiniões e é exatamente por isso que amo confiar nas poetisas que me visitam diariamente. Gosto de ter minhas opiniões deturpadas pelo afeto. Descobri a Taís pela Mulheres que Escrevem e só isso já deveria se tornar um poema. Costumamos dizer que poderíamos fazer poesia sobre tudo, até mesmo sobre coisas que sequer lembramos. Taís Bravo passeia comigo pela cidade e eu passeio com ela por essa cidade que ela descreve com tanto ardor. Seus poemas falam da mobilidade, das novas formas de comunicar e dialogam com esse mundo que corre mais rápido do que nós. Taís publicou um livro pela Amazon, *Todos os meus (ex) heróis são machistas* e a zine *Possível* pela Alpaca Press.

O futuro é

Taís Bravo

quando ela fala
somos silêncio
é escolha
em cada gole gota ombro selfie
rende outra língua
atravessada por
Adelaide Ivánova
Estela Rosa
Danielle Magalhães
Marília Mendonça
Rita Isadora Pessoa
entre tantas partidas
em trânsito
não saio impune
tomo o nome do meu corpo
contra o disparo de quatro homens
não dou
o prazer do medo
encaro a Avenida das Américas
sem me comprometer
ao sentido dos sinais
minhas pernas convocam meu rosto
entrega só desprezo
entre os dentes
a vulnerabilidade
se debate
na ponta dos dedos vermelhos
de tanto nos forçar intactas
ainda seremos possíveis

Tiago Dias Oliveira

a sua voz esticada a porta
do elevador fechando e a palavra
açúcar – não esqueça do açúcar –
entre o 9º e o PG lembro
das ondas e do duplo do mar
daquele que entende diante do poema
que é preciso aprender a ficar submerso
volto para o açúcar e o elevador sacode
abre a porta – bom dia seu zé – será será
um duplo de beleza despercebida
açúcar e o sinal quebrado
os carros abrindo e fechando a luz
e não chove e não há uma folha
solta voando só os prédios percebem
o som da nossa voz sob nós
é preciso aprender a ficar submerso
é um poema de Alberto Pucheu
submerso no mar no trânsito
das ondas até que sejas
lançado de volta para a superfície
quando era menino mergulhávamos
no tanque da laje de Duda
um minuto um e trinta
um e cinquenta dois
o ar nunca foi igual:
vivemos para respirar
entre o açúcar a folha
e o poema de Pucheu
caminho em silêncio entre
escrever é ter acesso
é aceitar a diferença que há
no peso dos corpos sobre a terra

Concurso Conto Curitiba

Os textos a seguir fazem parte dos dez vencedores do Concurso Conto Curitiba, promovido para celebrar os cinco anos de atividade da Freguesia do Livro, iniciativa social que incentiva e promove a leitura no Paraná. Partindo de um encontro em dezembro de 2016 com o escritor João Anzanello Carrascoza, abordando o tema Um Olhar sobre a Cidade, o concurso convidou autores novos e veteranos a ver Curitiba com outros olhos e escrever sobre ela, buscando um pouco de literatura nas praças, esquinas, ruas e pessoas do seu cotidiano. Curitiba como personagem, cenário ou destino. O **RelevO**, parceiro da ideia, publicou cinco textos vencedores em maio e publica os últimos cinco agora, em junho.

Para conhecer mais sobre a
Freguesia do Livro:

freguesiadolivro.com.br
facebook.com/freguesiadolivro
contato@freguesiadolivro.com.br

L'esprit d'escalier Alina Prochmann

O mocinho vai ser um cobrador de ônibus haitiano de quarenta anos e a mocinha vai deixar cair um anel de prata quando largar moedas na bancada do tubo antes de ser engolida pelo Pinheirinho das seis e quarenta e três. À noite, o herói vai olhar o teto, fitar de lado a outro, digitar na tela do celular, vai escrever Mariane, Rosana, Valéria, Capão Raso, Xaxim, Tatuquara, ver fotografias quadriculadas, perder a hora pela primeira vez. Seis e quarenta e três. Hoje votaram por greve, ele olhou o relógio, tinha enfim um almoço, foi de batatas fritas, um chope no calçadão. De olhos fechados, mão direita enterrada no bolso, inventou ali o mar. Ouviu uma gargalhada milagrosa. Na fila do caixa, muito perto dela, conheceu seu amaciante de roupas, queria dizer algo melhor do que você perdeu o anel no meu tubo. A moça, coitada, pegou o ônibus errado. Desceu na Rui Barbosa, tonta em busca de um amarelinho que chegasse mais pro lado do Boa Vista.

Movimento Adnelson Campos

Praça Rui Barbosa. Meu ônibus não parte. Um sujeito inicia a contagem das pedras brancas na calçada, avança um passo, retorna ao ponto de origem e reinicia o processo. O cego atravessa a rua indiferente ao movimento, acredita na visão daqueles que não têm olhos para ele. O pastor prega aos surdos. A noiva circula com a grinalda suja pelo tempo. A senhorinha agarra-se à bolsa, protegendo o pouco que lhe resta. O policial persegue os pivetes, mesmo sem querer alcançá-los. O estudante enterra o rosto no livro, esperando que o mundo se abra para ele. O jornalista pendura as notícias do dia sem ao menos lê-las, enquanto reclama pela informação solicitada. O mendigo, indiferente ao movimento, urina ao pé da árvore e os pombos defecam por toda parte, completando a mistura de odores. Olho para o ônibus na Canaleta do Expresso, me parece uma lagarta, esperando pela sua metamorfose, quem sabe mais um futuro exemplo da cidade modelo-urbano. A porta se abre, amanhã a história se repete.

Treino W. Del Guiducci

Um grito de “pega ladrão”, só de brincadeira.
Um tiro de PT100 Taurus, esse bem de verdade.
Um preto estirado no chão.
E o Mizuno novinho, recém-comprado em dez prestações na Netshoes, não poderá correr a Maratona de Curitiba.

Cidade sorriso

Gabriela Coiradas Machado

Não para ela. Tudo estava cinza. E não o cinza curitibano, que dá a sensação de estar em casa. Era uma ausência de cor.

Os dias estavam iguais, quase automáticos. Não era uma distância grande até o escritório, ia a pé.

Andava olhando para baixo, com o peso de si maior do que podia suportar. Tudo começara por causa dele. Não tivesse ido por esse caminho, passado pela Rua XV e tomado café sozinha, ele não teria sentado ao seu lado, com um sorriso que desarmava. Defeitos eram perfeitos.

E ele disse adeus. Como alguém podia deixar de amar tão rápido?

Andou por quinze minutos e viu o bondinho. Por que não entrar e olhar os livros? Tomou um assento, folheou alguns. Em um deles, o poema de Cecília:

*Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito?*

Saiu e sorriu ao olhar para um canteiro cheio de flores. Não deixaria que sua vida fosse cinza. Ninguém teria o poder de tirar dela a cor dos olhos.

– Aqui está, Amor-Perfeito!

Subiu a Rua XV com a flor no cabelo.

Maria C. S. Bertoli

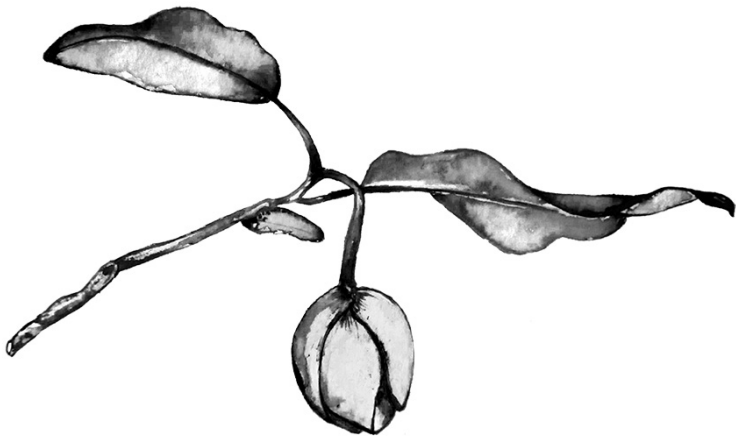
A xícara aquece minhas mãos, ao abrir a janela sinto o cheiro da chuva, o vento gelado desarruma meu cabelo, olho pra cima e digo bom dia para o céu cinza claro. Lá embaixo, inúmeros guarda-chuvas coloreem as ruas criando um contraste elegante. Onde eu moro reclamamos do clima mais por hábito do que por real desgosto.

Quem nasce aqui tem fama de antipático, mas é uma questão de abordagem, características climáticas são um tópico delicado para puxar assunto em uma cidade temperamental. A questão da imprevisibilidade tende a deixar qualquer um desconfortável e até um pouco carrancudo. Tememos o inesperado, queremos certezas, confiamos nas garantias e Curitiba puxa o nosso tapete exatamente aí, ensinando diariamente sobre a irrelevância das nossas expectativas e a ineficiência das previsões.

Depois do café, procuro algo para vestir, observo meu guarda-roupa dividido entre vestidos e casacos, antagônicos e complementares, uma tentativa de obter equilíbrio em qualquer cenário.

Desço as escadas usando galochas novinhas e levo na bolsa um par de sandálias esperançosas. Frio, calor, sol, chuva, às vezes tudo em um único dia!

Parece muito, mas quem se adapta tem o privilégio de ver a lua entre as araucárias.



Cardápio

Leopoldo Comitti

Vermelho de carne crua
meu dedo sangra em palavras
velhas. Calejada, a mão
ainda escreve sobre a linha.
Late um cão na rua, lateja
a carne. Sofreria não fosse

o tempero que arde sensual
na boca agora meio aberta;
de voz deserta; de sensação
sobeja. E a vida come-se
pelo rabo e defeca ainda
mais vida sobre a ladeira
da manhã que nasce inútil.
Pimenta, sal, talvez salsa
constroem rosbife nosso
de cada e todo e mesmo dia.

Poema integrante do livro *A Mordida do Cordeiro*
(Editora Patuá, 2014)

Praça de Touros

Fábio Maciel Pinto

Sou jovem e noivo, dos distritos de além do Olho d'água e do Carreirão dos Pretos, sul do Capão dos Porcos. Naqueles distritos das terras de entre o arroio da Padilha, o do Cercado e o do Boa Vista, trabalhei. Recolhida de erva-mate, cata de nó de pinho, doma de potro, cruza pra criação de mula, carneada do porco – aprendi o que é preciso pr'amansar a terra e colher um pão miúdo. Um gaúcho, curiboca, platense, moreno, português e mais tudo que há circulado abaixo dessas nossas latitudes, é que me assentou noutra profissão – de renda – e, de qualquer modo, numa mulher e num dinheiro que tive. Gostou de mim, fizemos negócio de acordo justo – um Comblain, uma Minié, charque e sal; do outro lado, quantia de porcada, toucinho e uma cachorrada perdigue'ra. Prejuízo pra ele – gostou de mim, não implicou. O negócio se ajustou nesse gosto que ele teve por mim.

Conhecia, o home' que menciono, da tradição da península da Europa. A portuguesa é limpa, pouco sangue – ele ensinou de começo. É tradição rápida, se morre depressa na pega, ou a cavalo. Na moda espanhola o feitio é diferente, lerdeado – canso de comentar dessa tradição; tenho pena. O sangue jorra. O lombo picado de palmo a palmo – triste, eu fico, de escutar como se dá a pele'a. Tamborila, em mim, a memória da palavra. Visto que perco o viço, dizia ele que a coisa muda depois de corre' o oceano – pretendia me alegrar, mas arriscadas as palavras dele. Nunca 'teve naquelas terras, só nesta – aqui, dizia, o pessoal cansa fácil e é escusado ter bandarilhas de sobra.

Interessa é que aprendi, à moda dos carrêrões do país, que as gentes gostam de cada coisa um tiquinho. Na unha ou a estoque – o negócio de matar rende dinheiro, não enriquece, e dá uma fama passageira. Não gosto

e tenho pena, repito, mas é o que aprendi de melhor e, estabelecido nessa profissão, comprei casa mista. Alvenaria na fachada e o resto, no fundo e nos lados, de tabuão de pinheiro rachado por mim e pelo home' – é como o papel manda pra, quando a casa se achegar perto da cidade, o sujeito morador parecer menos estrangeiro, cabocro, bugre, moreno. É uma faichada – parecer menos ele mesmo, mas mais abonado.

Menos a casa – foi barata e o barro na faichada, amassado em cima da tábua, engana. É uma alvenaria. Menos a casa, pois gosto mais de falar é da mulher que ganhei com as corridas – minha menina desconhecia o espetáculo; acha que é sangue demasiado e que a carne danifica no sofrimento. Duas vezes ela foi me ver, se eu exagero – compreendeu que é essa a vida. Gosto é dela; boa, filha dum comerciante carrocêro. Fala brasileiro de instinto, enrolado – tem que aprender; o tempo ensina. Se não abre a boca e não anda do meu lado, grudada com o braço enlaçado no meu, passa por pessoa normal – nem desviam a cara de 'preensão de olhar pra nós. Estamos noivos. Vamos casar – já tenho a casa. Ela é que me ganhou.

*

Comecei nos velhos, fracos, brandos de temperamento e temperados com sabor ruim – são, como se diz, bichos de chifres caídos. Mas, se são animais de caráter fro'xo, são duros na musculatura – se gasta tempo cozinhando. É um desperdício de fogo. No começo, quando é pouco o costume co'as carnes fortes e de idade, o cozer nunca termina e o estômago ronca. Come duro, atazanado pela vontade de comer – na impaciência parece que a fome há de nos matar. Assim perdi as tantas lascas de dente que me faltam – roía os ossos e chupava o tutano.

Os novos são bons. Endurecem um pouco – o que é que não endurece sofrendo–; agrada-me o gosto acre. A carne de quem mato é um presente que ganho sempre. *Pero*, conforme o palavreado castelhano do Seu Amadeus, eu pretendo sair dessa lida e forrar a barriga com comida suave – arrumo um negócio na ferrovia. Começo com qualquer coisa – limpo o pátio, a máquina, raspo o carvão, carrego lenha. Tenho um amigo – jura ajudar. Emprestei um capital a prazo e arrendei um cavalo a ele – isso é dívida. Salvei-lhe o co'ro. Preciso, em primeiro, casar – combinei co'ele. Como quero o matrimônio, cobro a juros; ajeitar a vida – depois vejo o que vai ser pra'diante.

A casa é perto do pátio da estrada de ferro – nem chega à meia légua. Vou casar; tourear um tico a mais; e, seguindo a ideia, troco de serviço – a labuta vai ser em cima do trilho. O touro, quando é velho, eu acho que é um serviço de caridade tirar de cima deles a vida de sofredor. Quem sabe, na ve'ice arrumo uma terrinha na Ferraria ou na Bateias, perto das minas no Campo Largo. Levo, comigo, um touro brabo de últimos dias pra viver e servir de enfeite na terra. Crio um gado, vendo pra quem mata e boto uns muar' no serviço dos fâisqueiros.

A carne, depois de tanto mastigar, dá asco – o gosto é de morte. No princípio eu vomitava – de vez em quando acontece–, mas agora o normal é ter só entojos; vou deixar que os o'tros matem o meu boizinho do sonho, criado na terra enfeitada com touro velho. Sem ver, a morte é de melhor aceitação – minimiza o nojo.

*

Estive em Porto Alegre, Sorocaba, Viamão, Campinas, São Francisco, Castro e numa porção de praças improvisadas, ou de boa constituição. O Seu Amadeus presenteou-me com

um terçado – fiz de arma pra'as festas. Se o público é monótono ou sensível, usa-se a ponta, numa golpeada solitária. Se for bestial, corta-se de maneira sortida, como num entrevero a facão – desregrado e sem fim. Tremo é quando gritam: “NA UNHA!” – a perna bambeia. A chance é de linchamento se há recusa – largo a espada e parto com as mãos peladas. É a justiça, penso, se ocorrer d'eu morrer. Luto. Lutamos. Fazemos uma conversa. Cada qual trapaceia ao próprio gosto. Derrubo-o, segurando pelos chifres – está muito ferido. Sorrio, vencendo. Estamos de bem, entre nós – gente e bicho. Calmo, no chão e mirando os meus olhos, lhe abro um corte no pescoço com a faca que carrego na bota. Conforme é a tradição na terra, dou a honra e degolo.

Em Lages houve unha – mais de uma. Cortesia do Coronel Antônio da Costa à festividade da Nossa Senhora dos Prazeres, organizada por ele e por aqueles que são da parte dele, e oferecida às gentes que quisessem festejar e louvar. Sorte é que entenderam quando eu recusei a última pega de unha – cansado de festa sem fim e de trabalho a se multiplicar no corre' do dia. Deu-me um descanso, o Coronel Antônio, num rancho de agregados dum major aliado.

É um alívio tirar a bota e esto'rar as bolhas. Dormi, comi e bebi com os agregados, os camarada' e os capangas da fazenda. Conteí histórias e ouvi o'tras, de gente como eu, que trabalha na lida de carnear. Minto se esconder que percebi satisfação e alegria nos carões ao falar da Ane – Anielka; o nome é difícil. As carquilhas desesmaranharam. Também aconteceu quando provei saber ler e escrever – o Seu Amadeus ensinou na Bíblia e num livreto esfarrapado de cânticos da Matriz. Conteí que é útil pra não ser enganado nas freguesias e poupar descargas de ferro quente.

– Podia, me’mo, trabalha’ na ferrovia – disse um –; nessa vida arruma-se esposa, uns boi’ e horta se o afi’ado trabalha’ certinho pra o padrinho. Lê e escreve’ é caminho andado se pretende’ riqueza firme, amizade forte e posto na Guarda.

Mostrei-lhes um tinteiro seco e uma pena. Admiraram.

– I’strumento’ de corone’.

O pai, meu criador, inda que do comércio, não me ensinou letras e números.

*

Se o nome é alterado – Portugal, Castela, Brasil –, detrás houve uma insatisfação; explicava o meu amigo e professor. Os nomes são escritos com as letras do mesmo abecedário – complementava depois de raciocinar, quieto, a explicação. De vez em quando alguém tenta mudar a letra – escrever dum jeito, do o’tro, com *ipsilão*, com uns vês dobrados, pretende cortar da terra a letra da nossa língua e nos fazer rezar num Português puro.

No final das contas, o abecedário é igual. Difícil é entender as letras, juntar, cantar do jeito que o chefe manda – se não aprende, eles decepam a letrinha revolta numa riscada.

O Coronel Antônio da Costa é de letra, gosta de jogar com o ABC; pessoa de qualidade, se não tiver o dedão prensado. Pisou o Capitão Benvindo Borba numa questão de gente livre no papel, cria de fazenda, e de gente serva que tocou o gado pr’um pasto, derrubou um cruzeiro e entrou num terreiro de capela de cemitério. Sendo dois mandantes, cada um com razão e obrigação, entraram em contenda. As mães e as criancinhas se trancaram, os homens tomaram parte e a vila somou vinte velórios com corpo presente – igual de corpos ausentes. O Capitão e o pessoal, seus partidários, guardaram mágoa. Vai se passando vinte e cinco,

trinta anos; nisso esfriam, esquentam, se entendem, desentendem, e se gasta tempo – política. Houve que a vez era de desentender.

*

Surdo. Acordei; chute nas costelas, tropicões na cabeça – não foi por mal. Comecei a escutar – a saraivada pipocava nas paredes de tábuas de rachão, iguais às de casa, onde vai viver a Ane. A lida se dava por entre as frestas das tábuas: mirava no escuro, mirava. Rebentava o fogo ao redor. Sorte é se uma sombra passava – se de gente viva, a esse mundo já deixou de pertencer.

– Sim, sim – respondi ao capataz. Gritou algo de saber atirar, de possuir arma de fogo. Comecei a ouvir, *pero* os tiros me ensurdeciam uma vez a mais.

Desde aqueles anos de quando o Seu Amadeus apareceu nos distritos, somei um Gerard, vencido dum oficial falecido, e um Nagant, atravessado dos despojos dum arsenal.

– Abastecido?

– Correto e municiado.

Ordenou preparar e romper no fogo. Perguntei: “E como é que se faz?” Por uma fresta de largura mais de um homem, no podre da tábua, e um buraco de tamanho igual de um cachorro gordo, saíram descarregando, sem mirar, na direção de onde teriam alguém. “É fácil explicar” – respondeu sem gastar palavra, aos murros abrindo buraco novo na tábua, por onde saímos.

Num instante silenciou o ruído e, no seguinte, principiou a estourada. Os pirilampos correram, saindo fumegantes das bocas; noutro momento as bundinhas *aluminadas* apagaram e, na penumbra, só se ouvia os zumbidos sem brilho – entramos na mata, onde as lanterninhas se escondem. Nas árvores, palmo ou meio acima do meu corpo deitado no pasto, refrega de estouros e lascas

de madeira pelo ar, mas sem o brilho que *alumeava* no campo. Desembestei mato pra dentro. Tropecei num toco, numa raiz, fendi a testa e furei a perna. Ardendo – um corte na base do cabelo e o’tro debaixo da coxa, detrás do joelho. Tateei os ferimentos. Atentei na queimação – com ela havia um rombo. Sentei, segurando a sobra do joelho. “Pra quê me serve o demônio do dinheiro, nessa refrega?” Abri os revólver’s – me faltou dedo pra disparar.

*

Enfileirados na frente da sede. Eu apoiado na dona, caridosa – a Piedade desses avariados. Não deixaram que ela preparasse curativos, unguentos, ferver água – isso tudo que é de serventia no tratamento de furo de bala e de rasgo de faca.

– Pra quê tentar curar?

– E uma água?

– Uns goles de aguardente, sim.

Sem abuso. É pra estar ciente, pois é desgostoso o morto chegar baleado de pinga no mundo do além – a pinga ajuda, amortece a dor um tanto. Esperou, um por um, que queimássemos a garganta. Visto que nos aliviámos, seguiu:

– Senhora, o esposo da encarecida abandonou o combate – anunciou –; correu pelo mato e sumiu. Se um tiro tivesse acertado naquele rabo; se fosse noutra situação, seria diverso. Como a situação vem desenrolando, desde antes, se não há marido, a Senhora é a responsável. ‘Final, uma dona costuma mandar nos terreiros e na criadagem tal qual o dono. E não me diga ser injustiça, não demonstre essa covardia pra consigo e comigo –aguardou –; faz bem calar.

Trocou-me, a senhora, de apoio e me escorou n’ombro doutro.

– É bem honroso; de pé, cara a cara – caiu de costas, pendendo para a direita. As pernas dobraram e o

vestido levantou; mandou uma filha, dela, ajeitar para manter a decência. Vindo a mim:

– Quem, o toureiro? Deixa ele, patrão, é artista. É o acaso que traz o tal aqui.

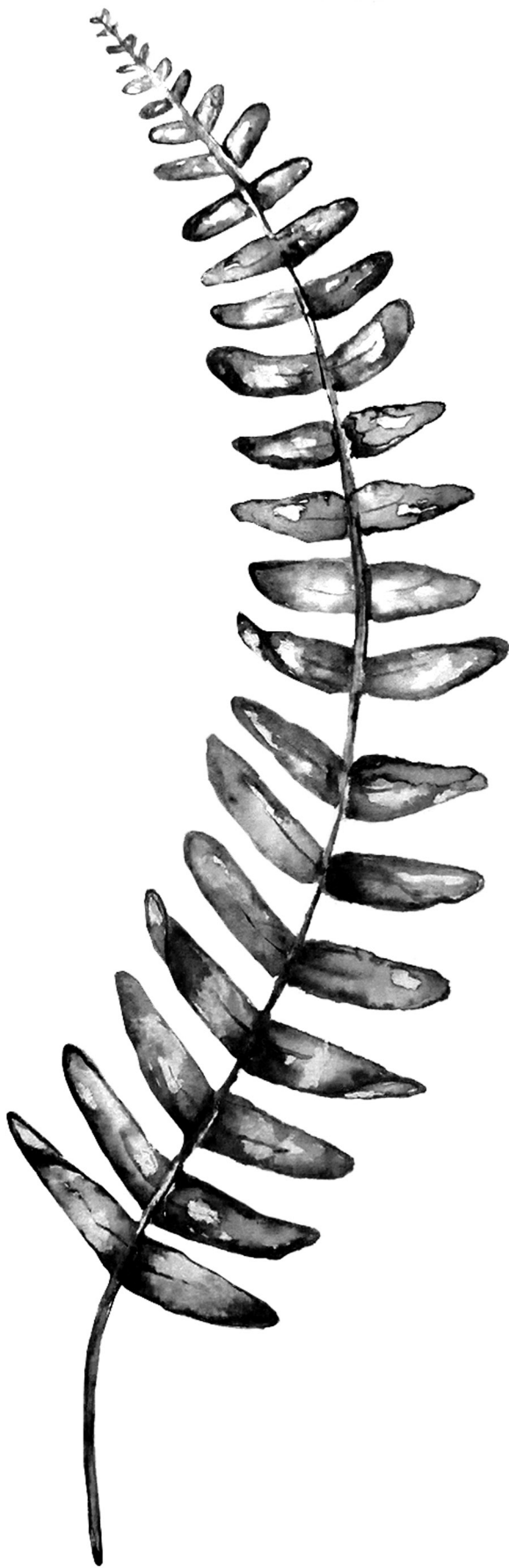
– É o acaso que paga a gente e dá as cria’ pro padrinho: agregado, camarada, jagunço, delegado, juiz. Tudo acaso; foi o acaso que deu. Afilhados do acaso. Ganhou o dinheiro do contrato, associou os nomes no contrato, agora quer distratar e prosseguir – pensei que, nervoso, matasse o pião –; perambulando na vila pagado pelo fujão, na fazenda do fujão, no rancho dele, na sede dele, experimentando a comida do tal e gastando o dinheiro que veio das burras dele. Si’nifica que esse toureiro é dele.

– O povo leva a mal, patrão, é passatempo.

– Diversão de matar, a mim, é feita com gente; e nesse estado, a patela arreventada por trás, não toureira de novo. Prestar, não presta ‘tra vez. Sei que ‘ocês gostam de bobagem, mas esse paião de praça se perdeu –aguardou, mediu as caras–; desconsidero o que eu disse. Como não é de combate, procedemos de modo diverso. Ninguém mais fale que achei nele um ‘nimigo.

*

Passaram a corda no vigamento do alpendre. A corda esticou e o corpo pendeu. As pernas, pingando sangue, tremelicaram. O rosto arroxou. O Capitão mandou que cortassem a corda – caiu ruidoso no assoalho. Levantou-o com destreza e força; testou e viu que respirava. Ajeitou-o entre as pernas, colocou-o ajoelhado, e desembainhou a faca de degola. Um golpe de experiente, correto, e a garganta rompeu na gravata – estava devolvido à natureza. O sangue esguichou um tanto – depois parou.



O drama de Angélica em quatro atos

Murilo Alvarenga & M.G. Barreto

1.
Ouve meu cântico quase sem ritmo
Que a voz de um tísico magro esquelético
Poesia épica em forma esdrúxula
Feita sem métrica com rima rápida

Amei Angélica mulher anêmica
De cores pálidas e gestos tímidos
Era maligna e tinha ímpetos
De fazer cócegas no meu esôfago

Em noite frígida fomos ao Lírico
Ouvir o músico pianista célebre
Soprava o zéfiro ventinho úmido
Então Angélica ficou asmática

2.
Fomos ao médico de muita clínica
Com muita prática e preço módico
Depois do inquérito descobre o clínico
O mal atávico mal sifilítico

Mandou-me célere comprar noz vômica
E ácido cítrico para o seu fígado
O farmacêutico mocinho estúpido
Errou na fórmula fez despropósito

Não tendo escrúpulo deu-me sem rótulo
Ácido fênico e ácido prússico
Corri mui lépido mais de um quilômetro
Num bonde elétrico de força múltipla

3.
O dia cáldido deixou-me tépido
Achei Angélica já toda trêmula
A terapêutica dose alopática
Lhe dei em xícara de ferro ágate

Tomou num fôlego triste e bucólica
Esta estrambólica droga fatídica
Caiu no esôfago deixou-a lívida
Dando-lhe cólica e morte trágica

O pai de Angélica chefe do tráfego
Homem carnívoro ficou perplexo
Por ser estrábico usava óculos
Um vidro côncavo e o outro convexo

4.
Morreu Angélica de um modo lúgubre
Moléstia crônica levou-a ao túmulo

Foi feita a autópsia todos os médicos
Foram unânimes no diagnóstico
Fiz-lhe um sarcófago assaz artístico
Todo de mármore da cor do ébano

E sobre o túmulo uma estatística
Coisa metódica como Os Lusíadas
E numa lápide paralelepípedo
Pus esse dístico terno e simbólico

"Cá jaz Angélica
Moça hiperbólica
Beleza Helênica
Morreu de cólica!"